

**A MÍDIA E A DIFUSÃO DA VIOLÊNCIA URBANA:
O IMAGINÁRIO SOCIAL PERMEADO PELA MASSIFICAÇÃO MIDIÁTICA**

André Luis Nakamura¹

Resumo

Este artigo contempla a relação entre a sociedade e seu imaginário com a difusão de acontecimentos violentos que a mídia apresenta, em alguns casos, com ênfase e à exaustão. Ao tratar-se de um recorte sobre um texto urbano, serão abordados aspectos como: difusão de informações a respeito de acontecimentos violentos, audiência, resposta do público, possíveis impactos e relações entre a violência efetivamente ocorrida e a violência “promovida” pelos meios de comunicação. Não tratando-se de uma pesquisa ou estudo social por amostras, a apresentação do tema, assim como as considerações, terão como base e referencial de produção as obras dos seguintes autores nos respectivos embasamentos: Georg Simmel, Zygmunt Bauman, Norbert Elias, Guy Debord, Anthony Giddens e Norval Baitello Jr., entre outros.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura; Media. Violência. Sociedade. Espetáculo

Introdução

A condição que diferencia o homem de um animal irracional, retirando-o de seu estado rústico e animalesco², que não o diferenciaria de uma fera, é orientada pelo repasse de hábitos e costumes através de centenas de anos. Em seu óikos³, os indivíduos passam a construir seus signos, significados e significantes, e estes se tornam um dos suportes secundários aos valores e repasses culturais. O ser humano vai organizando seus hábitos e gestos tanto pela capacidade em desenvolver uma habilidade em detrimento de outra quanto pelo ambiente em ele nasce e cresce. A condição na qual o homem, já civilizado, chega ao

¹ Mestre em Comunicação e Cultura Midiática – UNIP – Universidade Paulista, São Paulo: alnakamura11@hotmail.com

² Norbert Elias. ‘A sociedade dos indivíduos’ na obra o autor oferece a reflexão sobre o pensamento de um homem que tem como base dos pensamentos, e iniciador dos gestos, as variáveis de seu ambiente de cultura. Tudo em conjunto com sua constituição ‘mental, ou seja: a diversidade biológica é um elemento que impele os indivíduos optarem por adotarem hábitos de cultura em maior o menor intensidade, mantendo mudanças e “novos” hábitos entre membros de grupos com cultura análoga..

³ Palavra de origem grega que representa o ambiente no qual o homem ou uma sociedade vive, mais especificamente com todos os sentidos, símbolos significados e significantes. Um território que vai além do espaço físico material, ele é configurado e configura os que ali estão.

mundo, sincroniza-o segundo a cultura predominante em seu desenvolvimento. O fato tem como lógica de que tanto o pensamento quanto o comportamento do indivíduo é previamente organizado. Este vai tomando ciência do significado que cada signo e/ou símbolo representa para ele e para o grupo em que desenvolverá sua cognição. Tal fato se apresenta como uma das variáveis da subjetividade única em cada pessoa e, paradoxalmente, da compreensão a respeito de todas as convenções sociais que se articulam em sua inclusão como membro da sociedade, na qual todos se correspondem pela sincronização cultural.

Viver em sociedade e/ou organizado em grupos ou comunidades (BAUMAN, Zygmunt) oferece um espaço comum para a cumplicidade e para um estado de pertencer. O fazer parte de um conjunto e de convenções socialmente admitidas, aceitas e aplicadas aos gestos, oferece segurança. Tais gestos e convenções acabam por se reproduzir entre todos os membros pela necessidade de encaixe social⁴. Ter a habilidade de se movimentar em uma sociedade em que já se conhece o sentido dos signos e o valor de suas convenções retira a tensão pelo desconhecido, e tal segurança relativa faz no membro social um espelho ao seu par, criando cidadãos que ocupam a posição de observador e observado, mutuamente, em um papel que polícia ambas as ações e cria condições para que as regras aplicadas nas articulações sociais pertinentes a tal população sejam seguidas dentro de um senso de valor comum e coletivo⁵ na ordem desta sociedade. Por vezes, dividir o mesmo *óikus* acaba por resultar em disputas ou desentendimentos de ordens ideológicas, sociais e/ou demais dinâmicas que criam divergências de valores e/ou interesses e acabam sendo resolvidos pelo conflito direto, ou seja, pelo combate entre as partes. Viver em sociedade implica em tais ajustes e pressões, e cada temporalidade social tem como precursor dos conflitos agentes geralmente relacionados com a cultura imediata (valores e convenções sociais cotidianas) assim como construções atemporais e particulares do imaginário, tanto coletivo quanto pessoal.

A media com o seu papel de sincronização social é composta pelos mesmos membros pertencentes à sociedade na qual busca eventos para difundir os acontecimentos que configuram seu modelo de jornalismo. Tais colaboradores destes meios de comunicação não estão isentos das paixões da população em que formação intelectual foi desenvolvida, embora

⁴ GIDDENS, Anthony. Apresenta em seu livro: Modernidade e Identidade a questão do encaixe e desencaixe social.

⁵ Simmel, apresenta em sua obra. Sociologia, a questão da estruturação de grupos, pequenos, médios e grandes, assim como os mecanismos que configuram e organizam seus membros.

tenham o preparo profissional que cada função dentro da mídia demande. Por esta lógica elimina-se a separação entre a mídia e a sociedade na qual o profissional é produzido. Este personagem, na execução de suas funções profissionais, busca os meios mais eficazes para atrair e reter o público⁶. Afinal trata-se de uma empresa, fundamentada no objetivo primário da obtenção de lucro. Esta pequena reflexão tem como foco manter a conexão direta que há entre a “entidade” mídia e a sociedade, na busca de evitar dar para a primeira um “status” de autonomia moral e/ou ética desconexa do óikus a qual pertence, visto que esta tem em sua arquitetura pessoas configuradas pela civilização, condição que precede a posição de profissionais ou de organização.

A mídia tem como técnica utilizar a geração de déficit por conteúdo no seu modelo de comunicação, mantendo o receptor na expectativa por mais informações. Por essa lógica organiza a distribuição dos acontecimentos em um imaginário de que “o conflito” está ativo e novos eventos virão a público. Tal linha de jornalismo torna cotidiano e pontual em sua agenda a difusão do resultado de conflitos sociais que se encerram em uma imagem visual ou auditiva (tome-se a imaginação para o viés da imagem auditiva) orientada pela violência, grosso modo, sincronizando o imaginário da sociedade como um ambiente hostil e passível de defesa e/ou ataque.

Objetivo

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura parcial da mídia como difusora de acontecimentos violentos, relacionando a sociedade e sua formação, segundo autores referenciados na bibliografia, como produtora de tais eventos. Também fazer uma consideração sobre os possíveis impactos sociais decorrentes da exposição, por vezes exagerada, que a mídia faz da violência social, com a reprodução de novos conflitos. Para tanto a base será teórica e com a leitura de cenário da própria mídia como um todo, tendo como objetivo não entrar no mérito de fatos, eventos, difusores ou demais variáveis pontuais, e, sim, fazer uma consideração embasada em autores que se consolidaram em áreas relacionadas ao tema. Como resultado, faz-se uma reflexão crítica sobre possíveis relações de poder que possam orientar a agenda jornalística.

⁶ Administração em Marketing, Kotler, Philip. Oferece base teórica para técnicas de produção, atração e retenção de público, assim como a mediação de audiência.

Mídia, difusão e a sociedade

A violência social não é um comportamento moderno, muito menos recente. Desde a organização do seres humanos⁷, os conflitos marcam épocas e até mesmo se immortalizam na história. Em resumo, a violência não se conecta exclusivamente com a estrutura social “moderna” e midiaticizada.

Apropriar-se de uma das obras de Guy Debord⁸ - costurando com demais conceitos de acadêmicos contemporâneos – permite pensar na mídia como uma ferramenta com potencial capacidade em superdimensionar os acontecimentos. Dotada deste artifício, ao canalizar sua habilidade em sincronizar acontecimentos violentos, ela distribui para a sociedade uma leitura sobre o mundo no qual o imaginário de cada personagem social acaba sendo permeado pela percepção de que na sociedade em que ele vive a violência está em processo crescente. A repetição da mesma notícia e a ênfase que é dada para o acontecimento – retirando os limites de espaço e tempo que configuram as duas primeiras mídias -, multiplicam-se na imaginação das pessoas pelo simples fato de que, conforme a notícia abrange um maior número de pessoas, sincronizando-as em um “espetáculo” comum, há a possibilidade de pelo conhecimento massificado do acontecido uma comoção coletiva eclodir. Eventos que chocam e/ou abalam um grupo tendem a uni-los⁹ em prol de uma solução. Todavia, como se unir para se proteger de algo que aconteceu fora de seu espaço, do seu tempo (espaço e tempo linear) e que não tem uma face? A violência tem uma representação ímpar em cada indivíduo, segundo a subjetividade configurada em seu processo cultural. A mídia acaba gerando um déficit por mais informações que possam oferecer algum sentido lógico ao indivíduo que se vê diante de uma sociedade “violenta”. É este déficit que mantém a demanda por mais notícias sobre crimes, motivando os meios a explorar tal caminho.

Vive-se por meio da mídia e com a mídia em uma sociedade que contempla o exagero e o espetáculo. Acontecimentos que oferecem conteúdo para uma notícia que se relacione com violência tornam-se presentes na sociedade, isto é fato. Tais eventos têm como regra

⁷ Marcel Mauss, em estudo sobre tribos na Polinésia, em seu livro Antropologia e Sociologia, no capítulo, Ensaio sobre a Dádiva, observou e estudou observações de convenções sociais nas quais a violência física e ou emocional podem ocorrer por crença, valores e qualquer outro mecanismo desencadeador. Nos oferecendo uma leitura de que estes eventos não se relacionam ineditamente em estruturas urbanas.

⁸ A sociedade do Espectáculo.

⁹ Georg Simmel, Sociologia, o autor apresenta em seus estudos o fato de pessoas atingidas por um evento comum, unirem-se de uma forma ou de outra, seja emocional ou fisicamente.

ocupar um espaço amplo e/ou se apresentar com imagens aprofundadas no resultado do “crime”, intensificando e/ou apresentando cenas que não seriam naturalmente vistas por um grande número de pessoas, no máximo se restringiriam a algumas testemunhas e aos profissionais diretamente envolvidos em sua solução.

Uma sociedade que já se organizou em seus valores, e na qual o senso de necessidade por informação se relaciona com fatores subjetivos, cria uma mídia que oferece informações diversas, sejam nas áreas de economia, artes, consumo, tecnologia etc... Todavia, todos os tópicos apresentados como possibilidades de pautas jornalísticas não são comuns a todo cidadão ao qual a notícia é destinada, mas faz-se claro que a segurança pessoal está na base da pirâmide da preocupação social¹⁰ e por este pensamento torna-se evidente que os media tenham como foco a exploração de temas que afetem o senso coletivo, tais como a segurança de uma população.

Faz-se um recorte de um típico noticiário sobre a violência, sem tomar como mérito a região e/ou o meio, seja impresso, áudio ou televisivo. Quando um crime é explorado pela mídia: hipoteticamente na ocorrência de um conflito em um espaço público ou privado, no qual duas ou mais partes tenham entrado em confronto. Esta tensão aumenta de intensidade e acaba resultando em um crime no qual uma das partes sofre maiores danos tanto emocionais quanto físicos, e no pior desfecho perdendo a vida. A exploração deste conflito social segue para a mídia, e sua difusão é feita por diversos ângulos, em casos mais agressivos, até mesmo o corpo da vítima é mostrado. Debates são feitos com analistas de comportamento, autoridades são exaustivamente entrevistadas e a família de ambos os lados é exposta em sua dor ou em seu medo pela revolta pública. Os mecanismos de defesa do estado são questionados e, havendo audiência, este tema seguirá até que uma nova atrocidade ocorra. A reflexão sobre o comportamento da mídia apresenta-se no sentido hipotético e superficial de uma típica cobertura sobre um ato de violência.

De um lado há a mídia, de outro um incidente social – e, na observação, uma sociedade constituída em seus valores e que, deve-se lembrar, também é produtora do incidente, dos media e dos conflitos. Oferecer para a notícia o poder de ser um dos articuladores de novos gestos que ela difunde seria mera especulação do ponto de vista ético sobre a medição. A força de um media em “criar” eventos é utópico diante da dinâmica social,

¹⁰ Abraham Maslow criou uma pirâmide da hierarquia das necessidades humanas, segurança aponta em sua segunda base, sendo apenas menos importante do que as necessidades fisiológicas.

pois a sociedade configura-se nas trocas convencionadas, orientando-se no espaço, no tempo e nos signos que a cerca, ou seja, é complexa demais para ser reduzida a simples resultado da média. Por outro lado, cabe uma análise, sobre o homem “mediatizado” debruçada nas obras dos autores referenciados.

Para criar uma conexão entre a violência difundida e sua possível reprodução pela própria divulgação, toma-se como analogia situações do efeito da difusão em massa do simulacro e de seu resultado no imaginário coletivo. Por exemplo, há um entendimento comum na atual sociedade ocidental em que “corpos perfeitos”, construídos com produtos sintéticos ou não (suplementos para atletas profissionais) e com uma rotina de exercícios em excesso, moldam o físico e criam uma imagem de beleza, e esta acaba por ser aceita e se reproduz em consumidores ávidos pela busca do corpo ideal. O consumidor envolvido pelo espetáculo não se dá conta de que está se orientando por uma imagem (simulacro¹¹) minuciosa e artificialmente construída. Esta tem a propriedade de mudar hábitos sociais e forçar o processo natural da saúde humana¹². Os poderes¹³ que se articulam como pano de fundo deste imperativo de beleza contemplam os mais diversos meios de produção de alimentos, equipamentos e serviços, mantendo uma atividade mercantil ativa pelo imaginário moldado em um modelo estético. Tal ordem social está presente como forte fruto da média. Ainda dentro da linha dos exemplos, os excessos na utilização de suportes eletrônicos, mídia social e chat, entre outros, tornam-se cada vez mais imperativos de encaixe social (CAZELOTTO, Edílson), e o cidadão que não lança mão desses instrumentos é considerado ultrapassado em seu modelo de comunicação, o que força determinadas pessoas a entrarem na lógica da informática – fazerem uso de suportes informatizados como parte de seu cotidiano, ainda que isto não ofereça um real ganho na qualidade de suas vidas. Todavia este encaixe passa a ser um elemento para que não se sintam excluídas. Neste discurso também se observa a pressão implícita de grandes corporações produtoras de hardwares, softwares, fluxo de

¹¹ Jean Braudrillard oferece ampla obra sobre simulação e simulacro, na qual o artificial, o irreal o construído a partir de um imaginário desconexo com o humano, passa a ser um referencial para o humano, confundindo-o sobre a realidade.

¹² A fim de dar embasamento para a questão do “humano” processo natural e etc. Apóia-se em Norbert Elias.

¹³ Marx – A sociedade capitalista movimenta-se nas relações de trocas, a sociedade configura-se pela lógica de mercado, os atores sociais em seus papéis sociais articulam relações enfocados no lucro, este sentido não pode ser ignorado, principalmente em um suporte orientado em uma lógica de valor de troca. Para não ficar redundante, ao utilizar o termo poder, pelo viés da articulação em meios institucionalizados, contemplar o pensamento sobre a intenção de lucro. Não dando mérito em preceitos éticos e ou morais, apenas considerando esta lógica comum na sociedade capitalista.

dados e serviços como articuladores de um novo valor social que impulsiona para um mercado altamente potencial e vulnerável pela obsolescência de seus produtos. Os dois fatos citados como exemplo são apenas uma base relativa para fazer a reflexão de como, em alguns campos, a massificação de informação afeta a realidade, além de apontar a mídia como influenciadora ou não na reprodução de novos eventos sociais violentos ao intensificar sua difusão.

Pensar uma metrópole ou mesmo uma pequena cidade contempla a importância das conexões estruturais que viabilizam a harmonia das trocas sociais. Cada indivíduo em seu papel organiza-se¹⁴ para o próximo e pelo próximo, ainda que pense estar na busca de seu ideal e/ou em sua “meta de vida”. Sua configuração como membro de uma estrutura organizada por regras e valores é o impulsor de seus gestos e motivações, que se orientam por uma longa jornada no processo civilizador (ELIAS, Norbert) e, sutilmente, organizam indivíduos interessados em uma causa ou estrutura, e/ou o configuram para tal, pois a necessidade do encaixe social remete o indivíduo para a adequação de seu óikou.

Com as rotinas diárias, eventos ocorrem diante dos olhos de um cidadão ou de um grupo. Assalto, assassinato, briga ou qualquer outra violência não estão livres de ter testemunhas visuais. Todavia, tais fatos ficam no âmbito local, e podem ser considerados eventos isolados e que chocam, porém seu impacto se desenvolve em um lugar e um momento. A mídia tem a propriedade de “retirar” o espaço e o tempo, tornando os eventos divulgados atemporais e “generalizados”, ainda que uma data e local sejam enfaticamente apontados. Sua abrangência e a contínua exposição criam uma sincronização que se auto referencia, fazendo com que se desconecte da sincronização do tempo linear social.

A organização social tem a característica de vincular indivíduos que estão sobre um mesmo ambiente, assim como diante de objetivos e/ou desafios afins, e este é um processo básico social. O morador de cada região tem como referência imediata os fatos e eventos pertinentes à rotina de seu grupo e de sua “classe” – neste caso, classe não se refere à divisão sócio-econômica, mas uma aglomeração de pessoas que divide um entendimento comum. Entretanto, o que pode ocorrer quando há a retirada das fronteiras espaciais e temporais, sincronizando eventos locais e pontuais sobre toda a sociedade?

¹⁴ Georg Simmel e Marcel Mauss, trazem em suas obras amplo material sobre vínculos sociais e as articulações que os regem, intensificando, estabilizando ou causando sua ruptura.

Os meio de comunicação em massa elegem qual tema será enfatizado para a exaustiva difusão, e esta ação insere no contexto social alguns temas que não seriam diretamente relevantes a muitos grupos do público atingido.

Parte de um público pode estar em contato direto ou indireto com um ambiente no qual os conflitos estão presentes. Outra parte, por vezes, pouca relação tem com uma área de conflitos intensos. Nos dois casos, os personagens têm sua atenção retida diante da “realidade” difundida. Segundo Simmel, uma ocorrência que afete um grupo os une em um imaginário comum, assim como pode ocorrer o oposto. Grupos que não sofrem interferências exteriores podem romper vínculos, na ausência de outro evento, pelas forças internas. Os aparatos de comunicação em massa agem neste segundo grupo oferecendo a força externa que os une no imaginário coletivo. Tomando as duas variáveis de ambiente como base, pode-se divagar sobre a retenção do público atraído pela violência, assim como sua atenção, por ser uma lógica desconexa de seu ókus

Deve-se considerar o interesse de grandes corporações que ofertam no espaço publicitário de emissoras produtos relacionados à proteção patrimonial e até mesmo pessoal do cidadão, como seguros, assistências, proteção, cartões¹⁵ e vigilância. Em um ambiente carregado pela “insegurança”, a demanda por seus produtos e serviços seria muito maior, assim como seu investimento no espaço publicitário dos meios que sincronizam a sociedade na sensação de insegurança. Tal reflexão não aponta ou responsabiliza os empresários que obtêm lucro por meio da violência, mas desperta um olhar crítico para que não seja descartada a possibilidade da influência mercantil destes potenciais articuladores em requerer uma agenda jornalística enfocada no conflito social.

Considerações finais

Uma hipótese a ser cuidadosamente considerada, mediante o recorte social sobre a violência sendo propagada pela mídia, oferece espaço para o pensamento sobre a difusão, se intensificada e/ou apresentando cenas muito fortes, ser uma ponte que conecta realidades que não se encontrariam. A sociedade segue um tempo linear, organiza-se, modifica-se e dá

¹⁵Torna-se comum a sociedade parar de circular papel moeda em sua rotina diária de compra e venda, para adotar às transações com cartões, seja de crédito ou débito. Este é um indicativo de que a população teme pela integridade patrimonial. Aos senhores do capital é uma oportunidade de aumentar as arrecadações, taxas, tarifas e tributos. O fruto do labor acaba sendo dissolvido, integralmente por intermediários. Não haveria tal nicho de Mercado se não fosse pelo medo e pela insegurança maciçamente promovida pelos media.

identidade aos seus membros dentro de um relógio social que anexa o tempo humano e o tempo das funções naturais dos indivíduos com o tempo das convenções sociais.

A violência ocorrida em um espaço e tempo, configurada por personagens específicos e em situação determinada, assim como os limites que encerram o acontecimento, causam impacto social, local ou mais abrangente segundo sua intensidade. Toma-se como base eventos de média para baixa intensidade no impacto que causam no espaço e no tempo no qual ocorrem, para o paralelo da mídia o difundindo, pois são destes que ela se alimenta. Ao apropriar-se da cena de um crime, devido à sua estrutura, ela retira o espaço e o tempo, o que lhe confere presença em qualquer local e a qualquer momento, segundo sua capacidade de difusão, ou seja, inaugura a comunicação “pós-temporal”. Emissor e receptor sincronizam-se em instâncias dispares ao evento e seus ambientes.

Chega-se ao pensamento de que a violência irradiada pela mídia muda o imaginário social. Tal imaginário desloca-se de sua natural organização pela sensação de espaço e tempo, reorganizando-se pela impressão da continuidade isenta de qualquer corte temporal. A mídia determina a finalização da violência. Ao chegar até locais que não se relacionam diretamente com o evento, a mídia carrega a imaginação destes cidadãos e, em tese, reformula sua sensação sobre segurança – cabe rever, nesta reflexão, o personagem social como consumidor sob as lentes de instituições que oferecem produtos relacionados com a segurança, assim como da mídia em seu objetivo de lucro. A exposição dos indivíduos às imagens de violência, estando ou não em um ambiente no qual ela possa ocorrer com maior, menor intensidade ou quase inexistir, reorienta a percepção destes cidadãos quanto ao seu meio e sua realidade. Voltando ao pensamento da necessidade de segurança, o personagem social confunde seus sentidos ¹⁶ diante das cenas que se apresentam para ele. Seus estímulos passam a entrar em estado de alerta, em maior ou menor grau, pois a “realidade” se apresenta como um ambiente hostil, passível de minar sua vida a qualquer momento. Diante de tal gatilho, e levando esta consideração para uma maior escala, é preciso ter em conta, mesmo hipoteticamente, a possibilidade de o encontro de indivíduos que vivam sobre um território relativamente seguro e sem conexão com o ambiente de violência apresentado na mídia. Ainda como exemplo, essas mesmas pessoas, diante de um pequeno desentendimento – que, em tese, resultaria em uma discussão com cada um seguindo seu caminho após o evento –,

¹⁶ Daniel Goleman, em Inteligência emocional, apresenta experiências e relatos sobre gatilhos neurais, ondas que são disparadas diante de uma ameaça real ou imaginária.

talvez possam entrar em um conflito maior ao serem “bombardeadas” pela media, resultando no acionamento de seus gatilhos neurais para a preservação de suas vidas, sendo também esta a realidade imaginária de seu oponente. Em resumo, o estímulo da imaginação quanto estar vivendo sob uma realidade na qual o resultado é a violência, despertaria mecanismos naturais e independentes¹⁷ de credo ou classe social, e/ou ainda maior ou menor predisposição ao estresse - sendo o último uma variável que impossibilita afirmar a hipótese generalizadamente – para atacar ou se proteger e, com isso, gerando novas possibilidades de crimes decorrentes da “invasão” do imaginário social, emitindo a realidade de situações pontuais e locais para ambientes que não precisariam ter contato com tal evento. O que pode significar que estes elementos acabam por compartilhar uma realidade permeada por conflitos, que diretamente não estão sincronizados ao seu óikus. Todavia, seu estado mental, sendo alimentado constantemente pelo imaginário de uma sociedade “potencialmente perigosa”, acaba por disparar emoções e mecanismos de defesa que podem superdimensionar suas reações diante de eventos que não correspondem à totalidade do significado que organiza seu meio, resultando na distorção da leitura dos signos. Pensa-se, assim, que é possível a difusão exagerada e massificada da violência mudar o comportamento de grupos sociais que recebam tais informações, potencializando ou despertando um sentido de risco social.

Cabe também um pensamento sobre os poderes que podem alterar a agenda jornalística em função de interesses especificamente comerciais, assim como a do próprio emissor. Como por exemplo: a omissão, em um telejornal de ampla capacidade de difusão, de informações sobre produtos que possam ser nocivos para a saúde da população. Tais informações podem ser sonegadas se a empresa em pauta for um grande anunciante. Outros temas também são sonegados do grande público, como o acréscimo nos preços de produto e serviços que decorrem do massificado uso de pagamento eletrônico, que gera alto custo e repasse destes ao consumidor. Estes dois pequenos exemplos ilustram como elementos de interesse comum podem ser omitidos e outros são inseridos no imaginário do grande público de modo que os patrocinadores desta difusão não se sintam ameaçados pela agenda jornalística.

Há de se questionar se não estamos carentes de um modelo informacional mais humanista, que contemple o bem estar social. Ainda que os lucros não sejam tão

¹⁷ Ainda segundo Daniel Goleman, sobre a mente estimulada e a similaridade das pessoas diante de eventos estressantes.

extravagantes para os senhores da notícia. Pois a Rede de computadores não pode ser ignorada como uma ferramenta que vem sendo utilizada como canal de comunicação de massa, tornando grande parte destes usuários céticos quanto ao tradicional modelo de informação. E, em casos mais extremos, formando grupos de resistência ideológica contra a sua hegemonia.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Simulação e Simulacro**. Editora Relógio D'água, 1981.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

CAZELOTO, Edilson. **A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo**. São Paulo, 2007

CAZELOTO, Edilson. **A virtualização das comunidades: Apontamentos para uma crítica dos vínculos sociais no capitalismo contemporâneo**. III Simpósio Nacional ABCiber, 2009.

DURKHEIM, Emile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa, Editorial Presença.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Contraponto Editora, 1997.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Objetiva, 1996.

KOTLER, Philip. **Administração em Marketing**. Prentice – Hall 2003.

MARX, Karl. **O Capital** (extratos da obra)

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

PELEGRINI, Milton. **Seminário avançado: Os Sentidos do vazio nas realidades midiáticas**, São Paulo, Universidade Paulista, 2011.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

TRIVINHO, Eugênio. **Dromocracia cibercultural**. São Paulo: Paulus, 2007.